

Penna, Agulha e Galher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcêa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno IX—Num. 6

Anno II

Florianopolis, 23 de Novembro de 1918

Num. 15

Diario da Filha de Maria

A DOR

(Versão do francez por Mary)

A dôr, qualquer que seja sua fôrma—sofrimentos physicos, humilhações, decepções... não é sinão um instrumento de que Deus se serve para nos purificar ou punir.

E' fôra de duvida que experimentamos, pela dôr, essa repugnancia natural que o proprio Jesus Christo experimentou á vista do calix que se apresentou aos seus olhos, mas, como elle, *amemos, beijemos e agradeçamos* a mão paterna que nos tere.

E si para vós, almas delicadas, as dôres são mais pungentes, mais esmagadoras, mais humilhantes, chorai, e orai sem receio, mas não murmureis!

Deus, Nosso Senhor, vos quer tão puras, tão desprendidas, tão unidas á sua santa vontade e tão devotadas ao seu serviço, que não pode deixar em vós o que deixa noutras almas que elle ama menos do que a vós.

Não é verdade que tambem nós queriamos tão puros, tão bellos, tão perfeitos quanto possivel aquelles que amamos?!...

Vossos sofrimen os podem ser, ás vezes, *uma expiação*, mas quasi sempre são *uma purificação, um aperfeiçoamento!*

Dizei, pois, a Deus, mesmo no meio dos vossos sorrisimentos: taça-se a vossa vontade, Senhor, e que o meu amor por vós e pelo proximo se torne mais generoso, mais livre do egoismo!...

O primeiro capricho

A placida vivenda de Georges Fremiet era encantada pelo sorriso de um entezinho louro, cujos olhos traduziam bem o encanto dos primeiros annos...

Descuidada morava naquella lar a felicidade, quando um desejo, um capricho, trouxe outra hospede: a tristeza!

Sylvio, o anjo daquella casa, viu algumas

florinhas, socegadas, banharem-se num lago de sua chacara, e, como criança, quiz colhel-as...

Não obtendo de sua mãe a almejada licença, lançou-se ao pescoço de papai, que, mais condescendente, deixou.

Com que prazer tomou elle o barquinho, com que prazer pegou dos remos e lançou-se a pescar as lindas flores! Tinha-lhe sido muito recominidado que se não afastasse da margem, porém um lotus mais bello, no meio do lago, accendeu em seu coração o desejo de possuil-o!

Uma imprudencia!... Uma morte!...

Algumas horas mais tarde, qual debil florinha, boiava sobre o lago o pallido corpo de Sylvio...

LILY

Um quarto mal assombrado

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

Maria Ziegler, professora; Gabriela Siegler, tambem professora; Anna Capistrani; Magdalena Bel Esprit, escriptora; Joanna Macedo, dona da hospedaria; Wally, creadinha.

SCENA XVI

Joanna (com uma luz), Maria e Magdalena
JOANNA—(entrando) A Sra. põe toda a hospedaria em alvoroço!

MARIA—E a Sra. não é mulher para dirigir uma hospedaria!

JOANNA—Si a Sra. pensa que em minha casa ha phantasmas, perdeu o juizo, certamente!

MARIA—Veja! o quarto ja estava outra vez as escuras!

MAGDALENA—Que é isto? Onde está meu castiçal? O' Sra. hospedeira, onde está meu castiçal?

JOANNA—Que sei eu dos seus castiçaes?! Parece-me que, nos seus quartos, os castiçaes vão e vêm para onde querem! Mas, notem bem: eu não apresentarei con-

PENNA, AGULHA E COLHER

-Publicação semanal-
Assignaturas

Anno 2\$000
Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuía.

A assignatura annual para os assignantes da «E'poca» custa 1\$000.

ta aos espiritos, mas ás Sras., e, si me faltarem castiças, devem pagal-os!

MAGDALENA - Valha-me Deus! E' tão certo que deixei o castiçal com a vela accesa aqui em cima da mesa, como é certo que me chamo Magdalena Bel Ésprit!

JOANNA - Eu não sou nenhuma tola: sei muito bem que ha muita gente que, a pretexto de phantasmas, procura esvaziar a bolsa de outrem! Mas a dona da hospedaria «Ao ganso de ouro» não se deixa tão facilmente enganar!

MAGD. e MARIA - Como? que diz? Nós...

JOANNA - (zangada) Eu lhes repito que, si amanhã não estiverem aqui os castiças, devem pagal-os! Agora vão dormir; amanhã nos fornaremds a ver.

MARIA - Sim, amanhã, amanhã!...

JOANNA - E esta será a ultima vez que as Sras. incommodam seus vizinhos! (Sae, deixando o castiçal).

SCENA XVII

Magdalena e Maria

MAGDALENA - «Eh! bien! eh! bien!» O castiçal, D. Maria, e o castiçal?

MARIA - Que mulher grosseira a tal D. Joanna!

MAGDALENA - Hei de agora ir dormir assim ás escuras?!

MARIA - Eu me lembro muito bem que a Sra. deixou o castiçal alli em cima da mesa. (Vae para perto da mesa e vê a comida.) Olhe aqui a minha ceia! Isto tambem é uma feitiçaria!

MAGDALENA - Mas uma feitiçaria agradavel, não acha, D. Maria?

MARIA - Não lhe disse eu que a hospedeira não está no seu juizo?...

Ha pouco ainda, estava tão pouco disposta a me trazer a ceia, que eu, para não continuar a briga, já estava resolvida a dormir de estomago vazio, e eis que...

MAGDALENA - (interrompendo-a) Porém agora não faça cerimonia: a comida está ali, coma-a!

MARIA - E a Sra. me ajudará, não é assim?

MAGDALENA - Obrigada; espero aqui até que a Sra. tenha acabado, para depois ver si arranjamos outro castiçal.

MARIA - A Sra. está com medo?

MAGDALENA - Não estou com medo, porém ás escuras não se vê o que se faz, e além disto não posso ficar socegada enquanto não souber para onde foi o meu castiçal.

MARIA - Seria bom si passassemos outra vez uma revista neste quarto, não acha?

MAGDALENA - Tem uma boa idéa, pois estou muito sobresaltada. (Toma o castiçal.)

MARIA - E eu perdi todo o appetite. (Ellas andam cuidadosamente por todo o quarto, espiando embaixo e atrás da cama, e, quando Maria vê o chapéo, o capote e a malinha de Gabriela, exclama:) Céos! que vejo?!

MAGDALENA - Que é?

MARIA - Pois eu tinha guardado tudo isto (pega no chapéo, no capote e na malinha) na mala, como é que está tudo aqui em cima da cama?!

MAGDALENA - «Parbleu!» isto é que é feitiçaria!

MARIA - Ah! o morto! o morto!

MAGDALENA - Será possivel?

MARIA - Quem então poderia ter tirado isto donde eu guardei?

MAGDALENA - Quem mais, sinão...

MARIA - Isto é um mysterio!

Dominios da Esphinge

QUINTO TORNEIO CHARADISTICO

(Outubro, Novembro e Dczembro)

51-54) CASAES

A' boa amiga Stella Marina

Esta seda é côr de romã - 4

O instrumento serve para cortar a fler - 2

A planta está no altar - 2

Que enleite tens em mira? - 2

I. A.

55-61) NOVISSIMAS

Procura obter ar com este ventilador - 2,2

Uma queda levei alli quando me metti no jogo - 2,1

Contra este miseravel tenho pena de empregar o projectil - 2,1

Livre do perigo a esta soberana, dizendo uma oração - 2,3

Gaúcha

O diplomata manda suspender a conferencia - 2,1.

Esta menina e esta outra representam um bello paiz - 2,2

Este orgão, na guerra, atrôa - 1,2

Heloisa

Preces...

Ave, Maris Stella !

(Inedito)

*Almas doridas, almas afflictas
por este valle de dôr, prostradas,
preces ferventes, preces contritas
orae, serenas, de fé banhadas.*

*Calem-se notas ledas, festivas...
funda tristeza paira nos ares;
duros espinhos de magoas vivas
brotam no horto dos tristes lares.*

*Auras, que descem do céu á terra,
trazem gemidos, trazem quebranto;
nuvem sombria, que o mal encerra,
passa, vazando chuvas de pranto.*

*Mas sobre a espessa, vasta negrura
d'essa tormenta desencadeada,
brilha uma Estrella, mystica, pura,
meiga, piedosa, immaculada.*

*Prece constante, fêrvida prece
de amor extremo que em fé palpita,
nem um só dia noss'alma cesse
d'erguer á Estrella do Céu, bemdita.*

*Porto d'esp'ranças, seguro porto,
pharol divino, — mostra-nos, pia;
dos tristes lares em cada horto,
semeia flôres, Virgem Maria !*

*D'aurora á tarde, da tarde á noite,
no ar, na terra, de sobre as aguas,
suspenda o anjo de Deus o açoite,
Virgem das Dôres, por tuas maguas!*

*Maris Stella, ave, Maria !
Vem piedosa, oh, vem salvar-nos !
E' longa a noite, escura e fria...
Maris Stella, vem, tu, guiar-nos...*

Novembro de 1918

Delminda Silveira.

NERVOSISMO

Em uma linda manhã de primavera puz-me a caminho, para gosar os encantos da bella portadora da suspirada estação.

Desci uma rua qualquer, que ia dar ao mar...

Lindo e claro como um espelho estendia-se elle a meus pés... Aqui e ali viam-se algumas embarcações. Ao longe uma lancha-automovel fazia um leve barulho, um desses barulhos que nos aborreceriam num

dia chuvoso, e que se tornam poeticos num dia tão lindo como aquelle !

Deixei-me cahir sobre um banco de pedra que se encontrava nas proximidades, e um quê inexplicavel, um quê mysterioso apoderou-se de mim !...

Não conhecia o lugar em que me achava, mas tudo me parecia velho ! Passaram pessoas que nunca tinha visto, mas (cousa estranha !) todas me pareciam antigos conhecidos.

Um tanto nervosa, tomei pouco depois o bond que passava. Eram poucos os passageiros. Um vento leve refrescava-me a fronte.

Cançada, recostei-me a um canto. Com os olhos entreabertos via passar casas, paisagens, carros, gente, e a... confusão continua de meus pensamentos.

De repente... recostada á porta dum hotel, eu vi uma pessoa, e essa pessoa bastou para, como um raio, arrancar-me dos meus pensamentos...

Esse rosto, esse rosto eu já o vira ! Ou seria uma brincadeira do acaso, que me fazia achar iguaes todas as physionomias ? !

Mas não, eu não sonhava !

Tambem aquella pessoa me reconhecera, porque, mudando subitamente de posição, olhou para mim...

Não sei o rosto que fiz quando senti seu olhar pousado no meu semblante; só sei que voltei a mim da surpresa que experimentára, quando o conductor veio dizer-me que tinha de virar os bancos: estava terminada a linha.

Voltei no mesmo bond, e, ainda nervosa da impressão que tive ao olhar aquelle rosto, que julgava naquella hora tão distante daqui, escrevo estas linhas.

Nora Sanfelice

15) ANCILLA DOMINI

O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

De tempos para cá crescia a minha clientela: fui á Europa, escrevi e publiquei diversas obras que me deram nomeada e fortuna.

Nesse interim, os immensos haveres de meu padrasto declinavam: uma vida faustosa de descomedido luxo, o jogo a que era affeito o chefe da familia, o descuro completo de negocios, puzeram a familia em apuros. Meu padrasto continuou a jogar desenfreadamente, fez grandes dividas... e... acerbamente censurado pela mulher assim m'o disseram, suicidou-se.

Para fazer da «Penna, Agulha e Colher» um jornal illustrado

(Relação de donativos)

Zenir Alcêa	20\$000
Srta. Iracema Aducci	10\$000
Thelma	10\$000
<hr/>	
Somma até 12—XI	40\$000

Os credores apossaram-se de tudo: minha mãe e a filha viram-se de repente na mais absoluta penuria. Sem habito de trabalho nem de economia, foram forçadas a recorrer á caridade de estranhos.

Não sei de que modo viveram nos dois primeiros annos; soube mais tarde que diversas pessoas, a quem recorriam, negavam a esmola, dizendo:

—A Sra. tem um filho rico, no Rio, procure-o.

Nisso, talvez por causa de privações de toda a especie, adoeceu gravemente minha irman. Parece que era essa filha o unico affecto vivo d'aquella que fôra a causadora de todos os meus males.

Vendo doente a dilecta filha, tuberculosa, sem ter ella meios de lhe proporcionar allivio e bem estar, venceu minha mãe o natural orgulho... e lembrou-se de que tinha um filho que lhe poderia valer!...

Havia soado a hora da vindicta!

Escreveu-me tua avó pedindo que a perdoasse e que fosse eu generoso, mandando qualquer auxilio para a «pobre Alice, que definha a olhos vistos por falta de recursos».

Devolvi a carta depois de lida, sem acrescentar palavra.

—Meu pae!—exclamei afillicta.

—Espera, filhinha, isto foi apenas o principio... eu jubilava de prazer por poder pisar e magbar aquella que procedeu comigo de modo tão injusto!

Minha mãe escreveu-me segunda carta, em que com palavras humildes pedia-me perdão por todo o passado;—não fizesse eu pagar uma innocente, que era Alice, os peccados de sua mãe.

Alice morreria, si não se mudasse de S. Paulo, si não tivesse alimentação abundante e san. Devolvi tambem es a carta, acrescentando no verso: «A Sra. outr'ora repelliu uma innocente que a mãe, muito pura e digna, lhe confiou na hora da morte; a Sra. amargurou os dias de uma criatura que não lhe fez jamais o menor mal. Tambem eu não a conheço, não tenho mais mãe nem irman, ha muitos annos. Peço pois que não me importunem mais!»

De proposito usei palavras identicas ás que minha mãe dirigiu a Cecilia.

Poucos dias mais tarde, estava eu estudando em meu gabinete, quando entrou uma senhora miseravelmente trajada. Era ella; era minha mãe, que, em seu desespero, esmolou a fim de pagar a viagem de S. Paulo até cá. Ao vel-a assim tão mudada, de faces ençovadas, cabellos encanecidos, trajada como uma maltrapilha, senti um principio de piedade e de compaixão... Era aquella a quem eu havia amado tanto na infancia!

Endureci porém o coração, repelli todo enternecimento, lembrando que o perdão de minha Cecilia, tão generosamente offerecido, havia sido recusado; vieram-me á mente todas as injurias feitas á minha mulher, epithetos insultuosos, por minha mãe atirados á face de um anjo; não, eu não podia, não devia perdoar!

—Filho!—exclamou atirando-se de joelhos a meus pés.

—Levante-se, senhora.

—Não! Venho humilhar-me a teus pés. Perdoa-me, Alberto, tens o direito de me odiar, eu sei! reconhço e confesso que fui injusta, cruel, brutal!... Mas tem piedade das lagrimas de tua mãe! O Senhor me puniu: minha Alice, tua irman, unico thesouro que me resta, está á morte. Oh! vê-a soffrer, vê-a penar daquelle modo! sem lhe poder mitigar as dôres, sem lhe poder proporcionar siquer alimentação sufficiente!

Dizendo assim, chorava minha mãe, mas eu não me commovi.

—Senhora,—respondi glacial,—não a conheço. Ha muitos annos, desde a infancia, que não tenho mãe, pois que não posso dar esse nome á cruel megéra que tão desapiadada foi para com a minha mulher. Tambem estivemos pobres, tambem ella, a adorada de minh'alma, não pôde ter tratamento por falta de recursos... e naquelle tempo vivia no mais apparatuso fausto aquella que *diziam* ter sido a minha mãe!

—Ah! Alberto, tem piedade, perdôa em nome de Jesus crucificado, que tarde comeci a adorar e servir, perdôa em nome de tua esposa, da meiga e bôa Cecilia, cujo coração angelico não conhecia odio!

—Senhora!—exclamei tora de mim— não é digna de pronunciar o nome de minha bem amada. Outr'ora a chamou: lixo das ruas, intrusa, e a a-soalhou com insultos ainda mais gosseiros e offensivos; não posso ouvir seu nome sahido de seus labios, parece-me uma profanação! Quanto a Jesus, ah! por causa da Sra. reneguei a minha té; o odio que lhe tenho fecha-me para sempre as portas do céu; a Sra. tem sobre a consciencia a minha eterna condemnação!